

SANTO AGOSTINHO

CONFISSÕES

Tradução de J. OLIVEIRA SANTOS, S.J., e A. AMBROSIO DE PINA, S.J.

DE MAGISTRO

(DO MESTRE)

Tradução de ÂNGELO RICCI

Títulos originais

Confessionum, Libri Tredecim

De Magistro

e Copyright Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1979.

Traduções publicadas sob licença da Livraria Apostolado da Imprensa, Porto (*Confissões*); de Ângelo Ricci, São Paulo (*De Magistro*).

CAPÍTULO II

O homem mostra o significado das palavras só pelas palavras

AGOSTINHO — Concordamos ambos, portanto, em que as palavras são sinais.

ADEODATO

— Concordamos. AGOSTINHO

— Então, um sinal pode ser sinal sem significar algo?

ADEODATO

— Não. AGOSTINHO

— Quantas palavras há neste verso: "*Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui*"⁶?

ADEODATO

— Oito. AGOSTINHO

— Logo, oito são os sinais. ADEODATO

— É mesmo. AGOSTINHO

— Creio que compreendes este verso.

ADEODATO

— Assaz, parece-me. AGOSTINHO

— Dize-me o sentido de cada palavra.

ADEODATO

— Sei o que significa "*si*", mas não encontro outra palavra para expressar-lhe o significado.

AGOSTINHO

— Sabes indicar, ao menos, onde está o que esta palavra significa?

ADEODATO

— Parece-me que o "*si*" expressa dúvida: mas onde a dúvida se encontra, senão no espírito?

AGOSTINHO

— Por enquanto, aceito; continua.

ADEODATO

— "*Nihil*" que outra coisa significa senão o que não existe?

⁶ "*Se nada aos deuses agrada que fique de tão grande cidade*" (Virgílio, Eneida, II, 659).

AGOSTINHO

— Talvez digas a verdade, porém me impede de concordar contigo o que afirmaste acima: que não existe sinal sem que signifique algo; ora, o que não existe de maneira nenhuma pode ser alguma coisa. Por isto, a segunda palavra deste verso não é um sinal, porque nada significa, e, então, erroneamente concordamos que todas as palavras são sinais, ou que todo sinal signifique algo.

ADEODATO

— Estás me apertando demasiado; porém observa que, quando não temos nada para expressar, sem dúvida seria coisa tola proferirmos alguma palavra: creio que tu, falando agora comigo, não emites algum som inútil, mas que, com todos os que saem da tua boca, ofereces-me um sinal, para que eu entenda algo; não precisavas ter pronunciado essas duas sílabas (*ni-hil*) se com elas não querias significar algo. Se, entretanto, consideras que com elas necessariamente se produza uma enunciação e que elas, ao soarem aos nossos ouvidos, nos ensinam ou nos lembram algo, perceberás logo o que eu desejaria dizer, mas não posso explicar.

AGOSTINHO

— Como vamos fazer então? Diremos que com esta palavra (*nihil*), mais do que a própria coisa, que não existe, queremos significar aquele estado da alma produzido quando não se vê a coisa, e, no entanto, descobre-se ou se pensa ter descoberto que a coisa não existe?

ADEODATO

— É isto mesmo o que eu procurava explicar.

AGOSTINHO

— Seja como for, vamos adiante, para que não nos aconteça cair na mais absurda das coisas.

ADEODATO

— Qual? AGOSTINHO

— Que "nada" nos detenha e, no entanto, a nossa conversação fique parada.

ADEODATO

— Na verdade, é ridículo, e, mesmo não sabendo como possa acontecer, vejo claramente que isto já se deu.

AGOSTINHO